



A ESTRATÉGIA DE NAPOLEÃO E OUTRAS ESTRATÉGIAS OU A IMPRESINDIBILIDADE DE CONCEITOS NA HISTÓRIA CIENTÍFICA

Francisco Ruas Santos

Matéria constante do Boletim do Centro de Informações Culturais 10 (15), de 27 de setembro de 1987.

O Centro de Informações Culturais foi criado e é dirigido pelo autor.

Para termos uma idéia científica dessas estratégias, o primeiro passo é delimitar, univocamente, o significado completo do termo Estratégia, pois o trabalho científico tem início quando o significado das palavras e dos conceitos é circunscrito com precisão.

Napoleão é tido como o maior gênio militar da Humanidade. Todavia, seu império du-

rou 14 anos apenas, enquanto o Império Romano do Oriente ou Bizantino existiu cerca de dez séculos. Nos dois casos, há *antagonismos* que Napoleão e os imperadores bizantinos tiveram de superar, fazendo assim Estratégia em seu sentido mais amplo. Logo, Napoleão, no que respeita à preservação do seu império, foi um *fracasso estra-*

tégico, quando comparado aos imperadores bizantinos.

Se introduzirmos os conceitos de *Estratégia nacional* e *Estratégia militar* nesse conjunto, poderíamos dizer que Napoleão foi um fracasso como *estrategista nacional*, aspecto em que os imperadores bizantinos, que preservaram seu império, lhe foram superiores.

Analisando agora Napoleão como *Estrategista militar*, vemos que não conseguiu superar os antagonismos com que se deparou no campo estritamente militar, abrangente de forças terrestres e forças navais. De fato, sua força naval foi decisivamente derrotada em Trafalgar e a de que dispunha não pôde sobrepujar a inglesa no Mediterrâneo, caminho para a Índia. Então, por aí não se revelou nenhum gênio, sem embargo do brilhante feito de Toulon.

Tomemos Napoleão como chefe de forças terrestres exclusivamente, na dimensão de exército de campanha da época, total de algumas centenas de milhares de combatentes, no máximo. Nessa escala é que ele foi realmente genial, pela combinação de forças que soube fazer, a despeito dos antagonismos terrestres com que se defrontava. Porém, como sua brilhante estratégia militar terrestre não lhe permitiu eliminar os outros antagonismos com os quais seu império se envolveu, podemos dizer que ela foi *inócua*. Tal poderia não ter sido se, invadindo a Inglaterra com

poderoso exército de campanha, tivesse obrigado esse país à rendição. Na Segunda Guerra Mundial as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki exemplificam caso similar, com os meios de 1945.

Uma arma estratégica correspondente, na escala da primeira década do século XIX, seria a cavalaria, para apressar ou facilitar a destruição do exército de campanha adverso, abrindo o caminho para que a fizessem também a infantaria e a artilharia. Daí uma das razões de sua derrota na Europa Central e Oriental. Logo, impunha-se a Napoleão não perder sua cavalaria na Espanha. Como a perdeu, falhou estrategicamente.

Em conclusão, aceitando que Napoleão tenha sido um gênio militar, essa genialidade ficou circunscrita ao escalão exército de campanha ou à grande tática. Aí, e daí para baixo, aceitamo-lo até onde vai o nosso domínio dos fatos históricos, como um dos maiores, se não o maior gênio militar da Humanidade.

O domínio holandês sobre o Nordeste dependia da paz na zona canvieira e ela era impossível, enquanto ali operassem os nossos guerrilheiros ou apenas a mantivessem sob ameaça de destruição. A base desses guerrilheiros encontrava-se ao sul do Rio S. Francisco, principalmente em torno de Salvador, sede do comando lusobrasileiro do teatro de opera-

ções. Daí ter Nassau investido contra a Bahia em 1638, sendo derrotado no que podemos chamar de *batalha de Salvador*, de significado estratégico nacional e militar terrestre. Eis porque as duas batalhas de Guararapes têm apenas significado tático, ainda que de grande tática, pois a guerra já estava estrategicamente decidida desde 1638.

O exemplo bizantino, o exemplo napoleônico e o exemplo nordestino evidenciam que o estudo da História Militar, de base científica, depende, de um lado, de *conceitos precisos, unívocos*, e, de outro lado, do levantamento da *variedade* de eventos dessa História, faceta fundamental da Informação.

Tudo isso seria a Epistemologia da História Militar. É o que nos falta.

Na impossibilidade de serem dominados todos os eventos dessa História, devemos circunscrever-nos ao estudo científico daqueles que permitam melhores lições para o nosso país e, particularmente, seu Exército.

Assim, tendo conseguido Portugal mais que dobrar o território que lhe deu o Tratado de Tordesilhas, preservando a primeira partição durante os séculos XVI (contra franceses) e XVII (contra estes e holandeses principalmente), é fora de dúvida

que vale mais estudar esse caso brasileiro do que certas campanhas alienígenas, envoltas na aura de uma glória que ilude, como a de Napoleão, imperador.

Mas, se tivermos de estudar casos de fora, é inegável também que o do Império Bizantino sobrepõe-se ao napoleônico. Ultimamente, a comunidade de historiadores está se dando conta de realidades análogas. No que diz respeito à comunidade de historiadores militares brasileiros, há que, por um levantamento prévio da *variedade*, estabelecer a abordagem didática, em função da *Estratégia Nacional*, que deve estar mais voltada para Leste do que para Oeste.

Um meio auxiliar indispensável para o necessário debate em torno desse grande problema didático é o Tesouro Cultural Militar Terrestre, elaborado segundo projeto apoiado pelo Estado-Maior do Exército na Biblioteca do Exército, ora em fase de preparo de cópias para distribuição.

Em conclusão, sugiro se promova, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, a realização de ciclo de estudos, tendo por objetivo a *organização do ensino de História Militar Terrestre*, desde a Academia Militar das Agulhas Negras, até o término da carreira do oficial.



Cel Inf R/1 FRANCISCO RUAS SANTOS – É possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição Histórica do Exército Brasileiro (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977) e Informação e Indexação.